



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**ACADEMIA DE TÊNIS, BRASÍLIA, DF, 12 DE SETEMBRO DE 2001**

*Meus companheiros de Mesa, que já foram mencionados e, muito especialmente, Guaiaci Alves Guimarães, que é o Presidente da nossa Associação; Senhoras e Senhores aqui presentes,*

Quero, antes de mais nada, agradecer o convite para participar deste evento e testemunhar o dinamismo e a força da indústria brasileira de turismo.

Como já os que me antecederam mostraram, ainda estamos sob o impacto dos eventos extraordinários de ontem, que causaram um choque e provocaram o horror em todo o mundo.

Eu pediria que, em respeito às vítimas dessa tragédia, e como um gesto, ao mesmo tempo, de repúdio aos atos de terrorismo, guardaremos um minuto de silêncio por essa tragédia ocorrida num país com o qual o Brasil tem tantas relações, tantos vínculos humanos e de cooperação, pensando naquelas vítimas inocentes da barbárie (um minuto de silêncio). Obrigado.

Hoje, o tema que aqui nos une, o turismo, é, na verdade, o oposto do que nós experimentamos ontem. É o oposto do medo, da insegurança, da insensatez e da violência.

O que se viu ontem, nos Estados Unidos, foi a utilização de aviões, construídos para serem instrumentos de aproximação entre os homens, para uma finalidade de destruição e de ódio.

E o turista é alguém que entra em um avião por amor à humanidade, pelo interesse em conhecer as mais diferentes formas de expressão desta mesma humanidade, em diversas culturas, em diversas línguas, em diversas localidades. O que vimos ontem foi o oposto de tudo isso.

Nós, no Brasil, temos uma tradição diplomática de defesa da paz, da democracia, do Direito Internacional e do não-uso da força. E, por isso, já condenamos formalmente, e nos termos mais fortes possíveis, os atos criminosos que foram cometidos.

E quanto aos brasileiros que foram, eventualmente, afetados por esses atos – e queira Deus que não tenham sido vitimados de forma fatal –, o Governo já mobilizou, como era do seu dever, a nossa rede diplomática e consular para prestar às famílias o devido apoio e assistência.

Quero – e me perdoem que me utilize deste encontro – aproveitar esta oportunidade para reiterar que o Brasil fará ouvir sua voz na condenação a esses atos e a nossa disposição de trabalhar, nas Nações Unidas e em outros organismos internacionais, para avançar na luta contra o terrorismo e pela construção de uma ordem internacional baseada na paz, na justiça e na tolerância.

Essas horas de aflição e de incerteza ainda nos motivam mais para sinalizar, com clareza, a seriedade dos nossos propósitos, a firmeza do nosso rumo e, sobretudo, a grandeza de nossos valores, como povo e como Nação. Nós somos um país de paz, e é de todo o nosso interesse preservar essa paz. Somos uma terra de liberdade, de democracia, de luta pelos direitos humanos, pelo desenvolvimento e pela eqüidade social.

Ainda hoje, li um editorial do *Washington Post*, que fazia referência a palavras do Presidente Franklin Delano Roosevelt depois do ataque a Pearl Harbor. São palavras fortes, mas naquelas palavras proclama-

das num momento de grande aflição do povo americano e da própria humanidade, ameaçada pelo terror do totalitarismo, havia a convicção firme e inabalável de que não haveria violência capaz de vencer o espírito de liberdade e de democracia. Pudesse eu juntar minhas palavras às de Roosevelt, eu diria que esse é o sentimento dos brasileiros: nada vai abalar em nós o sentimento de liberdade e de democracia.

Ainda recentemente, numa reunião em Durban, na África do Sul, a delegação brasileira deu uma contribuição decisiva à conferência sobre o combate ao racismo, para evitar que houvesse uma fratura e para mostrar que nós, brasileiros, somos um povo plural, convivemos com muitas raças, com muitas culturas, porque respeitamos nossas diferenças e porque aqui não existe um fundamentalismo que separe as pessoas. Aqui existe o sentimento de respeito e de amor uns aos outros. Assim, foi possível que o Brasil, com força, mostrasse lá na África que sem negar a existência de discriminações entre nós e de formas de racismo nós queremos afirmar que estamos dispostos a continuar lutando para que isso desapareça. E temos a convicção de que a grandeza desse povo fará, cada vez mais, que esse seja um país acolhedor.

Por isso, acredito que, neste momento, em que nós juntamos aqui pessoas que são relacionadas com uma atividade que é, eminentemente, uma atividade de encontro, podemos aproveitar este momento para dizer o que acabei de dizer, que é o sentimento de todos nós, brasileiros.

Mas eu queria também, falando mais especificamente sobre o tema que nos une – e eu não preciso acrescentar, às palavras dos três que me antecederam, muita coisa –, dizer apenas que houve um esforço grande, um esforço que teve alguns avanços já mostrados aqui. Em 1994, fiz questão de incluir no meu programa de governo, no chamado Programa Mão à Obra, a importância da indústria do turismo. E reiterei mais tarde, já no Governo, no Programa Avança Brasil, o que nós deveríamos fazer com o turismo.

Hoje, o turismo gera uma renda no Brasil de cerca de 25 bilhões de dólares por ano e arrecada impostos da ordem de 7 bilhões de dólares. Mas o que é mais importante: assegura empregos para cerca de 6 mi-

lhões de pessoas. Isso, se é verdade o que está escrito nos meus programas, se é verdade que há alguns programas de governo, só existe porque os Senhores, os agentes de viagens, porque os Senhores, os transportadores, porque os Senhores, os hoteleiros, porque esses milhões de trabalhadores brasileiros asseguram, no Brasil, uma indústria de turismo decente e que permite que o país avance cada vez mais.

Portanto, eu lhes agradeço por ter sido – apesar das dificuldades existentes também aqui assinaladas, apesar da existência ainda de muitas imperfeições – capaz, essa atividade, hoje, de fazer essa movimentação já mencionada pelo Ministro Carlos Melles, de cerca de 5 milhões de estrangeiros que vêm para o Brasil e cerca de 45 milhões de brasileiros que viajam.

Recentemente, no Rio de Janeiro, numa reunião à qual compareci, falou-se de algumas dificuldades. Então recordei que, quando nasci – nasci no Rio e vivi sempre em São Paulo, mas nasci no Rio, sou velho, mas nem tanto assim –, quando nasci, no Brasil havia apenas duas estradas pavimentadas. Uma ligava o Rio a Petrópolis. Outra ligava São Paulo a Santos. Nada mais.

Quando fui morar em São Paulo, em 1940, o trecho pavimentado na Via chamada Dutra, hoje, era apenas até a Serra das Araras, no Rio de Janeiro, um pouco além do subúrbio do Rio. E, em São Paulo, praticamente nada. O resto era terra e mais nada. Isso faz 60 anos.

Hoje, nos queixamos, e com razão, de que estão as estradas mal pavimentadas, esburacadas, de que é preciso fazer mais. Mas dispomos, só no plano federal, de 50 mil quilômetros de estradas pavimentadas.

O Brasil mudou, pelo esforço dos brasileiros, pelo afincô de todos nós. Mas o Brasil mudou. Por isso, hoje, podemos receber 5 milhões de turistas estrangeiros e temos 45 milhões de turistas brasileiros que viajam.

Mas, mais do que isso, fiz referência ao fato de que, efetivamente, tudo isso se deve ao esforço coletivo e não ao empenho de um Governo, de um Ministério, de uma Embratur – porque tudo conta –, mas disse que faz parte de um esforço coletivo. Pois bem, recebi, recentemente, a visita oficial do Primeiro-Ministro de Portugal, António

Guterres. E ele, ao agradecer ao Governo brasileiro pelo apoio em um episódio recente de um crime que todos conhecem e que também causou horror junto à opinião pública portuguesa e brasileira, falamos de um Nordeste que está substituindo, para os europeus, progressivamente, os destinos tradicionais, como o Caribe e como certas partes da África. E vejam bem: o Primeiro-Ministro Guterres chegou logo depois de uma violência enorme cometida, mas compreendeu e agradeceu a presteza com a qual as autoridades brasileiras resolveram a questão, o apoio que foi dado. Enfim, ao invés de simplesmente dizer “este país não serve” disse, ao contrário: “Este país, hoje, está substituindo e vai continuar a substituir os pontos de turismo que antes eram outra destinação.”

Isso mostra aquilo que acabei de dizer: não é só ter estradas – me referi a elas –, não é só ter programas. É ter gente. Gente capaz de atender com civilidade, gente que foi capaz também de se educar, gente que respeita o outro e que não vê no turista apenas alguém para ser explorado, mas vê um ser humano para ser respeitado e quer criar um ambiente de convivência que seja agradável.

Este é um exemplo que ilustra o potencial turístico do Brasil. E este Congresso escolheu um tema muito interessante, que se chama “um gigante que se move”, como disse, há poucos instantes, o Ministro Melles. E é verdade. O gigante está se movendo. E isso ocorre porque, além das características que mostrei, pessoais, dos que trabalham na área, existe investimento, há modernização e há uma vontade séria de apoiar o setor e fazer com que esse setor possa avançar ainda mais.

Vemos que, hoje, o turismo se tornou uma atividade econômica fundamental. As distâncias se encurtaram. Isso é obviedade. Houve avanços sem precedentes em toda tecnologia de transporte e, agora, mais recentemente, nas tecnologias de comunicação. O Brasil tornou-se acessível. E isso é o que permite a alguém dizer, como referiu o Primeiro-Ministro de Portugal, que, agora, ao invés de ir para ali, ao lado, para as praias do Mediterrâneo ou da costa da África, os portugueses vão um pouco mais adiante, às costas do Nordeste, às

costas do Rio de Janeiro, às costas de Santa Catarina, para não falar nesse interior do Brasil, tão extraordinário.

Hoje, o Brasil faz parte, efetivamente, do roteiro do mundo. E isso é um marco a ser, aqui, comemorado, neste encontro da Abav.

Até há pouco, era proibido que os navios de passageiros com bandeira estrangeira fizessem cabotagem pela costa brasileira. Pois bem, isso tudo mudou. O Congresso Nacional apoiou, fizemos uma emenda constitucional. É tão difícil tudo. Foi preciso fazer uma emenda constitucional para dar um novo horizonte para quem trabalha com o turismo nas cidades costeiras. Hoje, os navios aportam, importando menos a bandeira e importando mais o desejo de receber mais e mais gente para florescer mais a indústria do turismo no Brasil.

Também flexibilizamos a concessão de vistos, o que permite a atração de turismo para nosso país. Mas nada disso seria efetivo se não houvesse um processo constante de aprimoramento daquilo que vocês, que são profissionais do setor, chamam da qualidade do nosso produto turístico. E o produto turístico – a palavra até não é tão boa, porque produto dá a impressão de uma coisa meramente material – é amor, é respeito, é gostar um do outro, como eu disse há pouco. E a qualidade dessa expressão de respeito ao outro tem aumentado imensamente aqui no Brasil.

E mudou, certamente para muito melhor. E eu me referi, há pouco, às praias. Mas, meu Deus, um país que tem a Amazônia, que tem o Pantanal, que tem a Foz do Iguaçu, que tem o Cerrado, que tem, enfim, tanta coisa, não tem senão que ser um grande pólo de atração turística. E é o que nós estamos progressivamente conseguindo. Estamos progressivamente avançando.

Mas eu queria, também, aqui, dizer – e dizer com sinceridade – que, se é verdade que os fatores que mencionei, de transformação e de progresso, foram fundamentais, não posso deixar aqui de fazer uma palavra de elogio público ao trabalho do Ministro Carlos Melles e do nosso Presidente da Embratur, nosso querido Caíto – o Caio Luiz de Carvalho. São dois craques. São dois craques que estão unidos para permitir que as realizações prossigam.

E é inegável que nós passamos por um momento de grande modernização. E todas as transformações, inclusive na Embratur, inclusive formação do Ministério do Esporte e Turismo, dizem respeito a esse novo momento do Brasil, que avança, que acredita em si mesmo, é autoconfiante e se está modernizando.

Por isso mesmo, já que nós estamos falando em modernização, me perdoem, uma vez mais, mas não poderia deixar de recordar que, nesta semana, estamos dando início às comemorações do primeiro centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek. Juscelino foi um dos maiores líderes da nossa história. Seu nome se tornou indissociável da própria idéia de desenvolvimento. E do desenvolvimento como ele deve ser, com liberdade, com atmosfera política arejada, com abertura para o mundo e com a abertura para novas idéias. E ele foi, também, o responsável por uma das grandes atrações turísticas do Brasil, que é esta nossa querida Brasília, que já se desenvolveu tanto, dentro do seu projeto original, mas que ainda guarda o charme e a beleza arquitetônica com que foi realizada, graças à visão de grandeza de Juscelino.

Cada vez que penso em Brasília, recordo-me da primeira vez que vim a esta cidade, ainda em construção. Todos os dias, passo pelos espaços administrativos de Brasília e vejo aqueles palácios monumentais. Penso que era preciso ter a imaginação de Juscelino para tomar a decisão de aqui, no meio do Brasil, construir uma cidade. E era preciso ter o gênio, também brasileiro, de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, de fazerem com que esses edifícios virassem símbolos, como eles hoje viraram. Não símbolos do poder. Também. Mas símbolos muito mais do que isso, de um poder que se quer democrático, porque Brasília foi construída de uma maneira aberta.

Ainda hoje, recebi o ex-Presidente do Chile, Eduardo Frei, para almoçar no Palácio da Alvorada. Estávamos ainda pensando nas tragédias ocorridas em Nova York. Eu disse: "Bom, aqui é tudo aberto. Aqui um ultraleve entra nesse Palácio. E um já pousou nos jardins do Palácio. Mas pousou porque encontrou ali um porto seguro e não

porque quisesse causar qualquer dano a um símbolo do Brasil, que é o Alvorada.”

Essa é a diferença. Isso é o que nos faz ainda mais atraentes, nesse mundo do turismo. Brasília é o exemplo disso. É o exemplo do potencial que existe para a atração de turistas. Sei que os brasileiros estão viajando pelo Brasil, visitando cada vez mais nosso próprio país. Isso tem uma imensa importância. Agora, eu queria lhes dizer que isso tudo tem uma imensa importância e, efetivamente, hoje, quando se fala na indústria do turismo, na importância econômica do turismo, temos que lembrar que o turismo é exportação também. E praza aos céus que estejamos, aí, contabilizando errado. A contagem está errada no número da estatística que aparece, mas o dinheiro entrou. E, se entrou o dinheiro, viva o turismo, que ajudou o Brasil a crescer.

Se tudo isso é assim – e é –, minhas palavras finais, depois de recordar, com emoção, Juscelino e aqueles que fizeram esta grande cidade na qual estamos, hoje, reunidos, são, finalmente, de um agrado muito sentido.

Eu me recordo da primeira vez, em Foz do Iguaçu, eu era Ministro da Fazenda e lá fui para dizer que – neófito em matérias governamentais, fui a minha vida toda de oposição, até então – eu achava o turismo muito importante e que faria o que pudesse pelo turismo. Eu só não sabia uma coisa: que eu ia encontrar gente tão boa trabalhando em turismo, como vocês.

Muito obrigado.